

Com agulhas e afetos, a política é costurada nas Linhas do Horizonte¹

Cândida Emília Borges LEMOS²
Claudia Chaves FONSECA³

RESUMO

Este artigo apresenta o coletivo *Linhas do Horizonte* (CLH), fundado em Belo Horizonte, Minas Gerais, por um grupo suprapartidário para expressar suas concepções político-ideológicas por meio de trabalhos de bordado. Com o lema “bordando política”, o CLH acompanha os episódios principais da história brasileira; e posiciona-se a favor de pessoas e/ou instituições que estejam sob ataque. O trabalho é realizado em ruas e praças, aberto à participação do público. O artigo analisa, também, três peças confeccionadas, que recorre à fundamentação da Semiótica.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; Comunicação Alternativa; Novas Narrativas.

INTRODUÇÃO

Em geometria descritiva, a linha imaginária que determina a altura dos olhos de um observador em relação à linha de terra, é conceituada como Linha do Horizonte (LH) e é também conhecida como reta de fuga (ROUBAUDI, 1948). Foi a partir dessa perspectiva que a arquiteta Leda Leonel cunhou o nome do coletivo que coordena, *Linhas do Horizonte* (CLH), que reúne pessoas que bordam contra o que consideram injusto e opressivo. Além do conceito da geometria, ela agregou o nome da cidade onde a organização atua, Belo Horizonte, Minas Gerais, e também o insumo básico dos bordados: a linha.

O coletivo em tela insere-se no fenômeno da comunicação alternativa e popular, em que grupos de cidadãos se reúnem para a veiculação e troca de mensagens simbólicas, por meio de meios diversos, em consonância com suas crenças e concepções de mundo e ideologias. Para terem sucesso em seus propósitos nessas práticas comunicativas, segundo Peruzzo, “os segmentos organizados da sociedade civil já descobriram que

¹ Trabalho apresentado na DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania Ementa do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Doutora em História. Embaixadora da Universidade do Porto (Portugal) em MG, email:candidaemiliabl@gmail.com

³ Doutora em Educação (PUC Minas). Mestre em Comunicação e Bacharel em Jornalismo (UFMG), email: claufon@gmail.com

precisam criar e desenvolver seus próprios modos e canais de comunicação” (PERUZZO, 2016, p. 4).

Este trabalho objetiva conhecer e apresentar o coletivo *Linhas do Horizonte*; entender e analisá-lo na perspectiva dos fenômenos comunicacionais alternativos, inseridos em conjunturas social e política específicas brasileiras, de acordo com a qual a presidente eleita Dilma Rousseff foi afastada de sua função, após processo de *impeachment* parlamentar; vários políticos ligados à coalisão então hegemônica são alvos de denúncias, inquéritos e prisões, por meio da Operação Lava-Jato e outras do gênero. Neste contexto, está a condenação a 12 anos de prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2009), pena que cumpre desde abril de 2018, sob acusação de corrupção.

Na metodologia deste trabalho, consta a pesquisa de campo, com o acompanhamento de ações do coletivo na cidade de Belo Horizonte, a realização de entrevistas com algumas de suas integrantes e com pessoas que receberam bordados feitos pelo CLH; e também o acompanhamento sistemático de sua *fanpage* na mídia social *Facebook* (<https://www.facebook.com/linhasdohorizontebh/>).

MOLA DOS AFETOS

As relações humanas são cunhadas pela incessante necessidade comunicativa, na busca de se fazer entender, por gestos, palavras, olhares, ou qualquer outro sentido. Na Grécia Clássica, Aristóteles (384- 322 a. C.) (2005) ao discorrer sobre a retórica, percebia que o ato de se convencer alguém sobre algo está além dos argumentos racionais. Para Lebrun (1989, p. 18), é necessário também que o interlocutor “toque a mola dos afetos e utilize os movimentos da alma que prolongam certas emoções” (LEBRUN, 1989, p.19). Nesta perspectiva, ao comunicador cabe suscitar ou pacificar ações aos seus interlocutores

Nas sociedades atuais, marcadas por forte mediação dos aparatos tecnológicos, a pessoa para ser percebida e ouvida precisa adotar estratégias criativas, entre tantos indivíduos conectados e dispersos: “A criatividade precisa de espaço. Considerada por uns como capacidade inata, e por outros uma habilidade que pode ser desenvolvida, a imagem do gênio criativo não faz mais sentido. Hoje somos todos criativos” (OLIVEIRA, 2018, p. 2970). A criatividade de cada um e de cada grupo social específico passa a ser a sua própria identidade, numa forma de se destacar entre milhares de pessoas e de mensagens.

Cada grupo específico desenvolve estratégias para ser mais bem compreendido por seu público alvo. A comunicação popular, comunitária e alternativa destaca-se como ferramenta indispensável para que suas metas obtenham sucesso, sejam as organizações de base popular, sindical ou movimentos sociais com bandeiras específicas de lutas. Neste contexto, Cicília Peruzzo avalia que a potencialidade deste tipo de comunicação

ocorre, em primeiro lugar, porque ela é protagonizada por esses atores como algo deles mesmos, feito por eles e para eles e/ou por aliados organicamente ligados a seus propósitos. Portanto, é capaz de refletir suas próprias necessidades, anseios e visão de mundo. Segundo, porque essa outra comunicação se realiza de forma articulada às atividades e estratégias mais amplas de ação social delineadas e executadas numa dinâmica construtiva de alternativas frente às condições desfavoráveis ao pleno desenvolvimento social integral e comunitário. (2016, p. 5)

A comunicação popular, alternativa ou comunitária assenta-se na cultura de cada movimento social, portanto, não há um padrão pré-estabelecido a ser seguido: “Trata-se da comunicação do povo, que sabe modificá-la segundo a conjuntura política e tecnológica, com sabedoria e conhecimentos acumulados” (PERUZZO 2009, p. 51). Os meios de veiculação das mensagens são os mais diversificados, desde os de massa, como jornais, revistas, audiovisuais e virtuais; quanto os meios moleculares e presenciais que, apesar de menor alcance, podem ter mais efetividade, já que proporcionam a co-emergência direta dos interlocutórios, como nas performances musicais e teatrais. As ações do coletivo *Linhas do Horizonte* caracterizam-se como alinhadas a este segundo grupo. Os meios de comunicação, portanto, são instrumentos de conscientização e de mobilização. “Nesse sentido, a comunicação se mescla às atividades de formação, organização e ação e são direcionadas a seus públicos principais” (PERUZZO, 2016, p. 5).

A comunicação alternativa em muito se associa às formas de luta alternativa, que manifestam-se fora do eixo institucional do poder e seus aparatos de sustentação, entre eles, a mídia tradicional e hegemônica. Nessa perspectiva, Félix Guattari, já em 1977, abordava novas formas de ações e propostas no campo da esquerda, em sua revolução molecular: “O que está em questão, agora, é o trabalho da verdade e do desejo, por toda parte onde pinte encanação, inibição e sufoco” (1985, p. 16). Nesse perfil proposto aos movimentos sociais, Guattari criticava as formas tradicionais de organização deles e propunha que se criassem condições favoráveis para a “manifestação de outras espécies de interação” (1985, p. 71). Mais além, abria ao debate importante tópico: “Mais do que

nunca, não podemos poupar, nestas questões, altas doses de lucidez, de humor, assim como daquilo que chamarei de a prova do desejo” (GUATTARI, 1985, p. 73).

Nos sistemas de dominação ao nível das ideias e sua materialidade por meio de símbolos, Pierre Bourdieu (1983, p. 14) percebeu a linguagem como um produto do compromisso “com as censuras, internas e externas, exerce um efeito de imposição do impensado que desestimula o pensamento”. Por sua vez, ele percebeu que os movimentos contestatórios pouco convencionais, categorizados como de contestação da ordem simbólica, eram relevantes por questionarem “o que parece evidente, inquestionável, indiscutível” (1983, p. 11). Nesse contexto, situam-se os movimentos que querem caminhar pelas margens do convencional e buscam “assegurar a disseminação das armas de defesa contra a dominação simbólica” (BOURDIEU, 1983, p. 11).

INDIGNAÇÃO NAS MARGENS

O *Linhas do Horizonte* é perfilado entre aqueles agrupamentos sociais que caminham pelas margens do sistema institucionalizado, inclusive dos partidos políticos e das organizações sindicais. A fundadora e coordenadora do coletivo, Leda Leonel, pontua uma singularidade dele em relação a outros movimentos:

Talvez por ser de mais simples entendimento, fazem de nós uma imagem de pessoas que estavam em casa bordando guirlandas em panos de prato e que, de repente, como se numa epifania, resolveu ir para a rua bordar política... Na verdade a maioria de nós se manifesta politicamente desde os anos 60 e algumas das *marisas*, inclusive se conheceram nas recentes manifestações de rua (Informação Verbal, 2018).

Isso posto, está claro que o CLH não foi inspirado na emblemática *Asociación de las Madres de Plaza de Mayo*, que tem seu embrião nas mães e donas-de casa que se reuniam diariamente na praça onde situa o palácio do governo, em Buenos Aires, Argentina, para reivindicar seus filhos presos e desaparecidos no período da ditadura militar (1976-1983). Porém, há pontos em comum entre os movimentos: “Somos semelhantes a *Las madres de Mayo* no propósito de lutar pela democracia, na nossa independência partidária, mas precisamos aprender com elas sua incrível e permanente resistência desde os anos 70”.

Quando a ex-primeira dama Marisa Leticia Silva estava sob investigação na Operação Lava-Jato e já estava doente, “a gente pensou em fazer uma toalha bordada para

ela, encontrá-la e servir um café mineiro” (LEONEL, Informação Verbal, 2018). Portanto, dona Marisa foi a inspiradora do CLH.

Um grupo de conversa na rede social *Whatsapp* difundiu o encontro para organizar a toalha de dona Marisa. Para surpresa das organizadoras, na pastelaria localizada na rua Platina, bairro Prado de Belo Horizonte, 84 mulheres compareceram. Nascia o Coletivo. Enquanto a mulher do ex-presidente Lula estava hospitalizada, o CLH solidarizava-se com ela, e passou a bordar em praças públicas. São várias as peças: colchas, toalhas, estandartes e lencinhos – estes últimos, distribuídos aos passantes que se interessam pelo trabalho nas ruas e praças. Dona Maria faleceu antes de receber a toalha, mas esta foi entregue a seus familiares.

O mote do CLH é bordar mensagens para “pessoas que estão sob ataque”, revela Leda Leonel. O Chico Buarque foi agredido por suas ideias e, assim, ganhou uma toalha. A ex-presidente Dilma Rousseff também já ganhou sua toalha. “Somos um grupo de esquerda, suprapartidário, independente em relação aos partidos; cada uma borda o que quer, uns bordados são mais difíceis e outros mais fáceis”, conta a historiadora Magda Santos (Informação Verbal, 2018). Agora, um dos focos é a defesa da liberdade de culto das religiões afro que estão sendo alvo de preconceitos e agressões.

Nas normas do CLH, as peças nunca poderão ser comercializadas. As linhas e tecidos, assim, são comprados e o custo é rateado entre os integrantes. Por que se bordar lencinhos? Leda respondeu: “São baseados nas mulheres portuguesas que bordavam mensagens em lenços”. Esta tradição lusa integra a cultura popular da região do Minho, norte de Portugal, são os lenços de namorados, cujo apogeu compreende o período entre 1850 e 1950. “Muitos dos lenços encontram-se conservados nas famílias, mas já existem alguns em museus. Entre os textos bordados sobressaem as quadras de inspiração popular” (VIEIRA, 2011). Seja em linho ou em algodão, “a jovem bordadeira bordava a seu gosto, o lenço dos namorados fazia parte do traje típico feminino, mas tinha outra função a desempenhar: a conquista do jovem por quem se apaixonara” (VIEIRA, 2011).

O CLH agrega cerca de 150 pessoas, entre as quais já conta com seis homens. A ideia de se bordar política espalha-se para outros cantos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. Em os nomes dos coletivos irmãos, a palavra linhas é o carimbo da identidade dos movimentos. Após a prisão de Lula, em abril de 2018, coletivos brasileiros estão

bordando um imenso tapete que conterà centenas de mensagens de solidariedade e apreço ao ex-presidente.

Foto 1: Militantes do CLH em manifestação pró-Lula em Belo Horizonte



Fonte: Cândida Lemos, 2018.

Nas intervenções do CLH nas praças e locais públicos, nem sempre o grupo é bem recebido. Alguns passantes criticam e gritam contra Lula e a esquerda. A maioria, porém, gosta; “O bordado remete ao afetivo, tudo que fazemos tem amor no meio, pois damos tudo de nós”, contam Leda a Magda (Informação Verbal, 2018)

Para participar do coletivo, a pessoa precisa ser indicada por alguém do grupo, como ocorreu com a funcionária pública aposentada Adriana Couto, que soube por meio de uma vizinha da existência do movimento:

Ela me contou que bordaram uma colcha para o Lula. Em uma manifestação, vi o grupo com mulheres com a mesma faixa etária que eu. Fui até elas e disse que queria participar, mas não conhecia ninguém e nem sabia bordar. Sou militante dos movimentos sociais há muitos anos, mas tinha cansado daquele tipo de organização. Aqui é uma delícia, porque é leve e dá o recado. A energia a gente troca com as pessoas que entregamos os bordados é muito boa. Todo mundo fica emocionado, pois a gente fez com as próprias mãos, ponto por ponto (COUTO, 2018, Informação Verbal).

Em uma manifestação contrária à prisão do ex-presidente Lula, na praça Afonsos Arinos, região central de Belo Horizonte, a bióloga Rose Freitas foi presenteada com um lenço bordado pelo CLH. Emocionada, disse: “É uma forma delicada e concentrada de passar uma mensagem. Vou guardar com todo carinho” (FREITAS, 2018, Informação Verbal).

AFETO E POLÍTICA

À primeira vista, ao observador gera estranheza que temas políticos sejam representados por bordados, uma atividade manual milenar, realizado para enfeitar enxovais, almofadas e outras peças ligadas ao universo doméstico. A sensação de desconforto provavelmente decorre da inversão de expectativas, uma vez que estamos acostumados com motivos de bordado ligados à natureza: plantas, flores, animais ou, no máximo, arabescos e formas geométricas.

Reside justamente nesse ponto o interesse analítico em relação ao coletivo *Linhas do Horizonte*: em termos comunicacionais, o bordado atua como mediador entre as mensagens compartilhadas pelo grupo e o público em geral. Trata-se de uma mensagem verbo-visual, que se utiliza tanto de palavras quanto de desenhos, sem se esquecer da profusão de cores. Ainda há o aspecto do suporte, que pode ser uma faixa, um estandarte, um lençinho (ou quadradinho), uma manta, etc.

Quando se utiliza o bordado, trabalho manual associado ao feminino, à esfera privada, à intimidade do lar, aos temas românticos como mediador para a reflexão de temas políticos (e, portanto, públicos), a estranheza que se instaura capta a atenção dos passantes e os leva ao questionamento. O significado (ou seja, as ideias, a mensagem) entra em fluxo por meio de um significante inesperado. Desse atrito pode surgir o debate e o confronto, que neste caso é a proposta do coletivo.

Outro aspecto que o bordado como mídia alternativa desenvolve é (re)colocar o afeto como parte importante da política. O resgate da política como atividade humana por excelência, da qual todos participamos, sem exceção, mesmo sem saber. A exuberância do bordado, seu colorido, a disposição estética dos escritos e dos desenhos cria uma empatia com o material, mobilizando a memória afetiva (“minha mãe bordava”, “lá em casa tinha uma toalha assim”) e lúdica. O bordado levando ao relaxamento das resistências, ao acolhimento das sensações, ao regaço do feminino.

A questão de gênero aqui se impõe. O fiar é tradicionalmente trabalho das mulheres. Enquanto elas fiam (ou bordam, ou crocheta, ou fazem tricô) o tempo passa e este tempo é o da esperança. Bordar também pode significar ter esperança, perseverar, ser paciente, ser afetuoso. No coletivo *Linhas do Horizonte*, o bordado é uma obra feita em grupo: quem quiser pega linha e agulha e continua o trabalho. Na mitologia grega, a lenda do fio de Ariadne, que ajudou seu amado Teseu a escapar do labirinto após vencer o Minotauro, instaura a ideia de que nos tempos lentos são construídas as fundações para o que se quer realizar. O bordado manual é tecido lentamente, é uma tessitura.

É importante ressaltar que as mídias possuem uma dimensão formativa, pedagógica. As mídias alternativas são, por excelência, pedagógicas, uma vez que, protagonizadas pelos próprios emissores, tornam-se *redes de saber*. Nesse ponto convocamos a obra de Paulo Freire, autor que pode ser considerado, também, um teórico da comunicação. Para ele, a educação é realizada pela comunicação: “o mundo humano é um ‘mundo de comunicação’, afirmou (FREIRE, 2010, p. 66).

De acordo com o autor, comunicar implica em reciprocidade, que não pode ser rompida, pois é encontro. Ao assumir essa concepção, o CLH pretende conscientizar pelo afeto, pelas trocas afetivas, tendo o bordado como meio expressivo.

Para compreender melhor a expressão “bordando política”, que é o mote do coletivo *Linhas do Horizonte*, escolhemos três exemplos de trabalhos para análise semiótica. A primeira peça selecionada faz menção à Dona Marisa Letícia da Silva, cuja história de militância inspirou a fundação do coletivo.

Foto 2 - Faixa em homenagem a D. Marisa



Fonte: Fonte: Linhas do Horizonte, 2018.

A peça representada na Foto 2 é uma faixa em homenagem à ex-primeira dama. Quando ficou pronta, em março de 2017, D. Marisa já havia falecido, o que tornou o gesto mais expressivo. A figura da primeira dama com o braço levantado, a estrela e os dizeres “Dona Marisa presente – viva para sempre” nos fazem recordar seu papel político, não somente apoiando o marido, mas sendo ela mesma uma força para a militância. A estrela remete tanto ao símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT) quanto à expressão “quem morre vira uma estrela”. A faixa tem fundo branco, mas os bordados são feitos com linhas de cores alegres.

Na faixa acima, a vereadora carioca Marielle Franco, que morreu vítima de um atentado em março de 2018, é homenageada. A peça conta com vários símbolos: a faixa de cor roxa representando o luto; o perfil de Marielle – exaltando seus traços afro-brasileiros, notadamente cabelo e a faixa colorida -; a estrela e as bocas. Estas últimas, associadas aos dizeres “não vão nos calar”, compartilha a mensagem de que o assassinato em questão pode ter eliminado fisicamente uma pessoa, mas não as ideias que ela defendia. As flores conferem delicadeza à peça, suavizando o tema, tornando “palatável” algo sombrio como um assassinato. Dessa forma, por meio do bordado, a peça exerce a função de denúncia, mas também de esperança e de ânimo.

Foto 3 – Faixa em homenagem à vereadora Marielle Franco



Fonte: Fonte: Linhas do Horizonte, 2018.

Utilizando-se de um jogo silábico, o estandarte da foto 4 resume a conjuntura política da prisão do ex-presidente Lula da Silva. A conturbada situação pela qual o país atravessa é representada por poucas palavras, mas de grande impacto: “Lula” como figura histórica e “luta”, que pode ser interpretada como resistência, como lida, como trabalho cotidiano, etc. O coração vermelho expressa visualmente a profissão de esperança em dias melhores, em um país mais justo. Além da “assinatura” do grupo, note-se a data bordada no canto inferior direito, numa tentativa de registrar os fatos, de marcá-los na memória do público.

Foto 4 – Estandarte em apoio ao ex-presidente Lula



Fonte: Linhas do Horizonte, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos tradicionais de se pensar e realizar a política, que parecem ter se esgotado, convivem, atualmente, com várias estratégias de reavivação. Uma delas é a instauração de coletivos, formados a partir de interesses diversos. Neste artigo, estudamos o coletivo *Linhas do Horizonte* (CLH) que, por meio da arte milenar do bordado, busca

compartilhar com as pessoas, no espaço público, mensagens de militância e de solidariedade.

Ao utilizar-se de uma mídia alternativa, o CLH realiza uma comunicação popular, que busca conscientizar e mobilizar passantes. Ao inverter expectativas e causar estranheza, o grupo apresenta uma forma contemporânea de realizar a política, baseada no afeto, na criatividade, no trabalho conjunto e na potencialidade da arte, a comunicação pelas margens.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COUTO, Adriana. Entrevista concedida à uma das autoras. Belo Horizonte, mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Rose. Entrevista concedida à uma das autoras. Belo Horizonte, mar. 2018.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. Trad. Suely Rolnik, 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LEBRUN, Gerárd. O conceito de paixão. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LEONEL, Leda. Entrevista concedida às autoras, Belo Horizonte, mar. 2018.

LINHAS DO HORIZONTE. Fotos **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/linhasdohorizontebh/>. Acesso em: 18 abr. 2018

OLIVEIRA, Adriana Lima de. Discurso da criatividade: produção, consumo e gestão de si. In: XV Congresso IBERCOM 2017: comunicação, diversidade e tolerância, 2017, Lisboa. **Livro de Anais**. São Paulo/Lisboa: ECA-USP; Lisboa: FCH-UCP, 2018. v.1. p. 2970- 2990.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaboraões no setor. **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Comunicar para transformar. **Agriculturas** • v. 13 - n. 1, março 2016, p. 4-6.

PINTO, Júlio. **1,2,3 da Semiótica**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ROUBAUDI, C. **Traité de géométrie descriptive**. 40ª Ed. Paris: Ed. Masson et Cia, 1948.

SANTOS, Magda. Entrevista concedida às autoras, Belo Horizonte, março de 2018.

VIEIRA, João. CULTURA: Lenços dos Namorados, uma tradição portuguesa. **My Guide Comunidade**. Portugal: MyGuide Novos Meios de Comunicação S.A, 5 Agosto 2011. Disponível em: <http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/len-os-dos-namorados-uma-tradi-o-portuguesa>. Acesso em: 19 abr. 2